

6^a Parte

O Livro da Academia

árvore do tempo

Barros Pinho

a ponte e o rio
me ligam à vida
vida que se liga
na solidão

rio que não se enche
no vinho da alegria
no rosto do triste

o vento recolhe
o resto
dessa dor
no coração
alimento de sol
do peixe dessas águas

verdes verdes
eram os olhos da manhã
postos na folha
árvore única do tempo

núpcias das águas

Barros Pinho

sinto o cheiro do inverno dentro das narinas
o gosto de terra no prado da paisagem
um arrumado de riacho na direção dos açudes
esterco seco de gado se desmanchando pelas estradas
bodes farejando cabras sem pudor aos olhos da fazenda
o céu se preparando pra noite com o lençol da camarinha
o relâmpago corta no serrote assustando os vaga-lumes
assim a natureza se compõe para as núpcias das águas

a distância

Barros Pinho

a distância tem uma cor
a cor dos olhos na procura
só o azul empunha o pincel do sol
o tempo a sobra das lembranças

Natal ouvindo Bethânia

Barros Pinho

sou o Natal no Afeganistão
o inverno chegando no império
de andrajos na realeza da fé

ó criança na boca o riso do terror

sou o Natal no estômago seco do nordeste
o Brasil na memória das aves de rapina

não sou o Natal na lógica da guerra
guerra que se faz no barro barro
que não se fez adão no paraíso
na chuva bélica de cogumelos
nos ombros dos camelos
na rota das montanhas
no presépio de ouro fastígio do ocidente

vivo nos ossos moídos pelos ventos
à espera da prece do milênio
olhos no cinza-azul da caatinga
na espreita da paz

o medo o medo medo
dobra dobra o sino do mundo

seguro do sonho sigo as formigas
ouço Bethânia cantando carcará
como a estrela a palavra entra no mar

o discurso da ponte

Barros Pinho

ninguém percebe a solidão da ponte
não era da ponte a inteira solidão

outros olhos se enchiam de vaga-lume
mas era de sombra o corpo do rio

o parnaíba na metáfora do sol

Barros Pinho

a poesia metáfora bíblica do vinho
comunhão das águas nas vertentes da serra
o branco das garças se compondo no açude
cabras sem pastores pastando nas palavras
o trágico do apocalipse no último cata-vento
a se espantar na nostalgia de suas promessas
o sabor do sol exposto no ventre da terra
ao anunciar os dias nos pêlos dos canaviais
e a folha seca no intestino dos insetos
o amor nas veredas disputado no chão com as serpentes
nas novilhas cruzando com júpiter antes do luar
a infância nos búzios dos riachos na chuva
impregnada de desejos bichos no canto dos pássaros
das noites de lamparina na véspera da sedução
na lucidez dos loucos colecionadores de vaga-lumes
a bater nas mãos como se tocassem o sino do inverno
o jogador a jogar no sonho até ganhar a ilusão
a indignação do poeta a rasgar no punhal
do vento o lírico hímen flácido da rosa
no rio Parnaíba sono do meu sonho
onde vou buscar a luz das estrelas
no acalanto da pudicícia de flor da mãe-d'água

terra das águas

Barros Pinho

terra molhada pelo parnaíba
terra de serrotes ondulados
de longes planícies preguiçosas
que se abrem para o encontro
do conquistador Jorge velho
com o nativo vaqueiro feito na terra
passo do gado nas paragens do sem-fim

terra rude no desejo quase obsessão
do cansado garimpeiro de encontrar
as pedras que não perdeu nas águas
do rio que não conhecia

terra de imensos canaviais
verde verde pássaro da esperança
de longos bananais perdidos nos aluviões
onde meus avós colhem arroz ao sol da manhã
no amor bem próximo da saudade

terra de onça-pintada espreitadeira
de paca tatu cotia veado na aventura do caçador
das morenas cheirando a leite no botão dos peitos
nos sambas intermináveis dentro do luar

terra das águas barrentas do parnaíba
teu homem tem na natureza o destino das canoas
sobe e desce o rio a remar a remar até nunca parar
só as estrelas nos atalhos das veredas do céu

edital do luar

Barros Pinho

edito meu parecer
sobre o sol o sol
no parágrafo da luz

os olhos vêm na noite
a noite das flores
o vento à espera do canto
o canto no segredo da lua

a lua cada vez mais
próxima da terra
faceira hóspeda das águas
a solidão visita os homens
antes muito antes da estrela-d'alva